

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
PIER PAOLO PASOLINI – RARIDADES  
7 de abril de 2026

## APPUNTI PER UN ROMANZO SULL'IMMONDEZZA / 1970

*materiais para um filme inacabado de PIER PAOLO PASOLINI*

*Realização, Argumento:* Pier Paolo Pasolini / *Direção de fotografia* (16mm, preto-e-branco): operador desconhecido.

*Produção:* Unitelefim para o “Comitato cineasti italiani contro la repressione” / *Rodagem:* 24 de abril de 1970, Roma / *Cópia:* DCP (AAMOD - Archivo Audiovisivo del Movimento Operaio e Democratico, a partir da digitalização de materiais depositados pelo Partido Comunista Italiano), preto e branco, sem montagem, sem som, 85 minutos / *Estreia mundial* (brutos): 7 de dezembro de 2005, Auditório Parco Della Musica Sala Petrassi, Roma / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**Sessão com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo e leitura do poema «A li scopini», em italiano e português, por Luciana Fina.**

---

Constava de várias filmografias de Pier Paolo Pasolini um título enigmático, APPUNTI PER UN ROMANZO SULL'IMMONDEZZA (algo como «Apontamentos para um Romance sobre o Lixo» ou sobre «a sujidade» ou, de forma literal, «a imundice»). Nalgumas dessas filmografias a referência – sempre curta – indicava apenas um filme inacabado, outras davam conta de que teria existido uma cópia de montagem e que a mesma havia desaparecido. O certo é que, depois de várias décadas em que foi dado como perdido, Domenico Calopresti, então diretor do AAMOD (o importantíssimo Arquivo do Movimento Operário Italiano) identificou, nos depósitos do Partido Comunista Italiano, uma série de bobines de 16mm, em preto e branco e sem som, que correspondem – crê-se – à integridade dos brutos dessa rotagem fulminante.

São 85 minutos de imagens dos trabalhadores da «higiene urbana» (como agora se denomina), que à época eram descritos como «*netturbini*» (cantoneiros). À época, o seu trabalho estava longe de ser apenas o de varrer ruas. Os cantoneiros italianos eram responsáveis por subir aos prédios com sacolas de pano às costas, recolher o lixo que cada família deixava à porta, despejá-lo no seu balde e repetir o processo tantas vezes quantos fossem os prédios da sua área de serviço. As pás, de ferro, com que recolhiam o lixo que se acumulava nos passeios, pesavam doze quilos, e os carrinhos, no final da ronda, podiam carregar várias dezenas, senão centenas, de quilos de lixo. Depois de dias de trabalho longos e estafantes, os balneários eram mínimos e insuficientes. Era – e ainda é – um trabalho fisicamente esgotante, insalubre e que, do ponto de vista social, era particularmente mal visto – os cantoneiros eram os párias da sociedade de consumo, o fim da linha da estratificação social do trabalho (esquecidos pelo poder político, desprezados pela burguesia em ascensão durante o *boom* económico italiano). Daí que, a 24 de abril de 1970, os *netturbini* tenham organizado uma Greve Geral, que durou três dias consecutivos – com uma adesão, em toda a Itália, na ordem dos 75%, e com especial resultado em Roma (um sucesso sem precedentes, uma vez que a consciência política dos cantoneiros, ao contrário doutros trabalhadores, era ainda muito incipiente e, por isso mesmo, quase nenhum deles era ainda sindicalizado). Pasolini estava ao corrente destes avanços e quis registar a reivindicação desta classe trabalhadora que lhe era particularmente querida – por cristalizar, através da relação com o lixo, a própria natureza segregadora e expletiva da sociedade de consumo, aquele que era – a seu ver – a razão de toda a degradação da sociedade italiana do pós-Guerra.

Os motivos do inacabamento de APPUNTI PER UN ROMANZO SULL'IMMONDEZZA são desconhecidos, mas provavelmente prender-se-ão com a própria natureza débil da sua produção. A Unitelefim era o «braço armado» do dito Comité dos Cineastas Italianos Contra a Repressão, coletivo de cinema militante que integrava, além de Pasolini, realizadores como Bernardo Bertolucci e Francesco Maselli, e que havia sido constituído na sequência do Maio de 68. Financiado em cooperativa (ou, eventualmente, autofinanciado pelo próprio Pasolini, como aconteceu com parte de 12 DICEMBRE),

uma pequena equipa de duas ou três pessoas (vê-se, em cena, um técnico de som de microfone em riste) acompanhou a histórica greve dos cantoneiros. O que se registou, nos 85 minutos que sobrevivem, são: o plenário dos trabalhadores, com vários homens a discursar e muitos outros a escutarem, rirem, aplaudirem, vociferarem e votarem de mão no ar; algumas reuniões com os responsáveis municipais, onde a câmara encara alguns dos trabalhadores em entrevista; uma visita ao aterro sanitário romano, onde se separa, transfere, empacota, carrega e transporta o lixo recolhido (de novo com alguns dos trabalhadores a falarem diretamente para a câmara e acompanham a câmara numa visita aos insuficientes balneários); e, por fim, novas imagens do plenário, finalizadas por testemunhos de alguns dos cantoneiros presentes. No fundo, cada «sequência» tem cerca de vinte minutos (o que corresponde a dois rolos de película de 16mm de 120 metros cada). De modo a distinguir o projeto do filme inacabado do material documental conservado, o AAMOD atribui aos brutos o lapidar título «Sciopero dei netturbini. Roma, 24 aprile 1970», indicando que, eventualmente, todas aquelas imagens terão sido realizadas num mesmo dia (o que é pouco provável).

Destituído de som, este material perde a força da palavra reivindicativa dos trabalhadores que seria, imagina-se, o centro emocional daquele registo. Muitos dos testemunhos e entrevistas, diretamente para a câmara, fazem lembrar a abordagem de *COMIZI D'AMORE*, pelo que, a seguir um mesmo modelo, Pasolini trataria de organizar tematicamente as imagens de acordo com as exigências dos cantoneiros, segmentando em trechos curtos o material recolhido. Tudo isto é pura especulação. Tudo, menos as imagens. A câmara de Pasolini demonstra – mais uma vez – o seu apreço pelos rostos humanos e o operador (o próprio realizador?) lança-se sobre as caras daqueles homens com visível comoção. Os *zooms* sobre aquele mar de cabeças que, atentas, acompanham os discursos, destacam, de entre a multidão, rostos singulares, mais ou menos jovens, impecavelmente apurados, mas carregados pelo peso do trabalho e de uma luta comum. A câmara chega, nalguns momentos, a mergulhar completamente nesses rostos (tornando-se quase abstrata), em *zooms* tão profundos que já só recortam um par de olhos ou uma boca que fala. A verdade e a justeza daqueles rostos proletários – e da forma como a câmara os encara – é tipicamente pasoliniana. E estes rostos, por não lhes ouvirmos as palavras de ordem, convertem-se em pura expressão de revolta. Os olhos esbugalhados dos discursantes, os olhos vidrados dos trabalhadores que contam as suas agruras, as testas franzidas dos que se reconhecem nas palavras dos colegas, os risos e as palmas entusiasmadas, tudo isso ganha uma expressividade que o silêncio só vem reforçar.

No final da greve, os cantoneiros conseguiram que passasse a ser obrigatório o uso de caixotes de lixo comuns para cada prédio, colocados ao nível da rua, o que lhe facilitava muito o trabalho. Além disso, esta greve aliou-se a outras reivindicações laborais que conseguiram a implementação do *Statuto dei Lavoratori* (a 20 de maio 1970) que colocou, na letra da lei, uma série de princípios das relações de trabalho que até então haviam sido legislados pontualmente e de forma circunstancial, nomeadamente a limitação de número de horas, a proteção contra o despedimento, enquadramento das sanções disciplinares, imposição da liberdade sindical e de assembleia e, mais importante, no que respeita aos cantoneiros, uma série de normas sobre a saúde e a segurança no trabalho.

Pasolini filmou e, segundo alguns, terá iniciado uma primeira tentativa de montagem. Não se sabe que forma viria a ter *APPUNTI PER UN ROMANZO SULL'IMMONDEZZA*, mas o título proposto pelo realizador dá, desde logo, algumas pistas. Repare-se que Pasolini escolheu a palavra «*appunti*» (apontamentos), a mesma que havia utilizado em *APPUNTI PER UN FILM SULL'INDIA* e *APPUNTI PER UN'ORESTIADE AFRICANA*, ambos filmes sobre filmes que nunca chegou a fazer (e que, na verdade, Pasolini nunca desejou, de facto, realizar, são antes um pretexto para um olhar documental). A juntar a isso, este filme surge na sequência da publicação do «guião» para um épico filme de cinco horas intitulado *Appunti per un Poema sul Terzo Mondo* (1968), onde o realizador delineava um filme em episódios (sobre a Índia, a «África Negra», os «Países Árabes», a América do Sul e «os ghettos negros dos Estados Unidos») onde, segundo o próprio, «os episódios não estarão claramente divididos, não haverá interrupção entre eles, uma vez que a narrativa será a mesma. Assim, surgirão outros temas, entre estes cinco, por exemplo, o Sul da Itália, as áreas mineiras dos grandes países nórdicos com os trabalhadores imigrantes a viver em bairros de lata, etc.». Nesse mesmo «guião», Pasolini explica

que «a imensa quantidade de material prático, ideológico, sociológico e político que envolve a produção de um filme como este impede, objetivamente, a manipulação de um filme convencional. Portanto, seguirei a fórmula “um filme sobre um filme a ser feito” (daí o título *Appunti per un Poema...*). Cada episódio consistirá numa história, contada em linhas gerais e através das suas cenas mais marcantes e dramáticas, assim como na procura pelos locais de rodagem para essa história (com entrevistas, investigações, documentários, etc.).»

Na sequência deste texto e desses dois filmes (a que se junta *SOPRALLUOGHI IN PALESTINA PER IL VANGELO SECONDO MATTEO*, que foi o ensaio desta metodologia), Pasolini parece ter querido integrar este filme sobre os cantoneiros nesse projeto mais abrangente – e episódico – dos *appunti* (que acabou por nunca conseguir levar avante). Isto porque, segundo ele, os «condenados da terra», quer fossem cantoneiros romanos ou intocáveis indianos, participavam de uma mesma classe explorada, aquela que a teoria marxista denominou como a do subproletariado. Aliás, o paralelo é evidente, uma vez que os intocáveis – que tanto interessaram Pasolini em *APPUNTI PER UN FILM SULL'INDIA* – são, como se explica nesse filme, os responsáveis pela recolha do lixo na Índia. Mas, se na Índia Pasolini imaginou a história de um marajá que se dá de comer a uns tigres famintos e em África (Uganda, Tanzânia e Biafra) pensou numa adaptação pós-colonial da *Orestia* de Ésquilo, que «filme sobre o filme a ser feito» estaria na base de *APPUNTI PER UN ROMANZO SULL'IMMONDEZZA?*

Independentemente da resposta (hoje necessariamente especulativa), o que estas imagens vêm confirmar é a natureza militante do cinema de Pasolini, mesmo na fase pós-neo-realista (isto é, mesmo depois da morte do corvo marxista em *UCCELLACCI E UCCELLINI*). O não creditado 12 DICEMBRE indicava-o, mas este material certifica-o. A existência destes 85 minutos vem explicitar a convivência do Pasolini-engajado com o Pasolini-mítico (como se fosse ainda necessário), tanto que estas imagens foram rodadas no intervalo entre a finalização de *MEDEA* e o arranque da rodagem de *IL DECAMERON*. Talvez pela ambição deste último filme, talvez por motivos de ordem financeira, pessoal ou até jurídica, o certo é que o realizador rapidamente abandonou o projeto e, logo no ano seguinte, fez publicar, como apêndice do livro *Trasumanar e organizzare*, o poema «A li scopini» (*Aos varredores*) que, segundo o exegeta da obra pasoliniana, Walter Siti, corresponde ao comentário – ou parte dele – que o realizador haveria de ler sobre as imagens da Greve Geral dos cantoneiros (Siti, aliás, refere-se ao filme como um trabalho coletivo, no qual Pasolini participaria com um «episódio»). Cometi a imprudência de tentar uma tradução do poema de Pasolini.

Gostaria de vos falar de um dia de sol  
que brilhou em abril de 1970 sobre Roma:  
os varredores estavam em casa.  
Estamos aqui, na nossa casa, na *borgata*:  
o nosso intérprete sabe tudo sobre nós, a única  
diferença está no facto de que ele –  
que fala por nós – se deparar com o facto inexprimível,  
de que ser varredor é um grande mistério.  
Ninguém sabe nem de onde nem quando  
chega essa vocação.  
Toca a procurar, toca a procurar: e onde te encontras?  
No fundo do mundo: lá em baixo  
ardia uma fogueira, talvez sobre o mar;  
ou debaixo de uma montanha estava a carcaça  
de uma pobre gata, que mal lhe tinha dito:  
quem teria imaginado que nos iria calhar a nós?  
Porém, a vocação chegou.  
Pertencemos à Ordem dos Varredores.  
Somos todos parecidos com frades:  
o primeiro voto seria o do silêncio.  
O varredor vai todo só com o seu balde  
no carrinho, e empurra-o, procurando –  
Ao sol ou ao mau tempo, o varredor

empurra o carrinho com o balde em cima,  
e a vassoura na mão, procurando.  
Não se deixa distrair por nada, como quem reza –  
Para ele basta caminhar, à beira-mar  
ou entre os edifícios da cidade –  
O varredor vai todo só e em silêncio, procurando –  
Reúne-se com os outros varredores onde ninguém os vê,  
como os frades.

*Puerum Deum me appellavit, mater mea  
serva erat, pater servus;  
sicut Sanctus Agostinus  
pomos in hortis involavi;  
saxa eicci contra pueros aliorum subiurbiorum;  
in prati set in cavernis cum amicis meis  
actos impuros feci;  
postea homo cactus sum: et viam incepti  
quam nullus amicus, nullus homo cognoscit;  
Deus mihi eam instruxit;  
per illam viam hic perveni.<sup>1</sup>*

E hoje, 24 de abril de 1970,  
é dia de greve: a Ordem dos Varredores  
entrou para a história;  
temos de estar contentes, como se os anjos  
tivessem descido à terra, para se sentarem nos bancos das avenidas  
e nos muros da *borgata*;  
é dia de Revelação;  
caiu toda a separação entre o Reino de Todos os Dias  
e o Reino da Consciência;  
o que permanece intacto é a humildade;  
porque quem teve uma verdadeira vocação  
não conhece a violência; e fala com graça  
também dos seus próprios direitos.

O poema é muito revelador do olhar do realizador sobre esta classe profissional (imagina-os como uma ordem religiosa – como os franciscanos do episódio histórico de UCCELLACCI E UCCELLINI) e, por isso mesmo, ajuda-nos a integrar este «filme militante» no todo da sua obra e não só na série dos *appunti*, mas em particular, na série de filmes que fez com Totò e Ninetto Davoli. Recorde-se que no derradeiro filme da série, a curta-metragem CHE COSA SONO LE NUVOLE, de 1968, a dupla de bonecos acabava atirada a uma lixeira, descobrindo no fundo da podridão e da imundice a maravilha das nuvens. Também aqui, no fundo da indignidade laboral, os cantoneiros viram «um dia de sol que brilhou em abril de 1970». Isto é, ganharam consciência de classe.

Ricardo Vieira Lisboa

---

<sup>1</sup> Latim para «O menino chamava-me Deus, a minha mãe / era escrava, o meu pai era escravo; / como Santo Agostinho, / roubava maçãs nos pomares; / atirava pedras aos meninos de outros subúrbios; / no prado e nas cavernas com os meus amigos, / cometia atos impuros; / depois tornei-me homem: e comecei um caminho / que nenhum amigo, nenhum homem conhece; / Deus me instruiu nele; / foi por esse caminho que cheguei aqui.»